

Dólar fecha a R\$ 1,56 com queda de 0,63%

Bolsa de São Paulo tem alta de 3,75% e investidores aguardam votação das medidas do ajuste fiscal

Marcelo Aguiar, André Moragas,
Érica Fraga e Ana Paula Baltazar

• A elevação dos juros básicos da economia de 29% ao ano para 32%, feita ontem pelo Banco Central logo na abertura do mercado, acabou funcionando como um freio para a alta do dólar nos mercados de câmbio. Bancos que vinham acumulando a moeda americana em carteira desistiram da aposta, diante dos juros ascendentes, e começaram a vender a moeda, provocando até uma ligeira queda na cotação do dólar comercial. No fechamento, o dólar custava R\$ 1,55 para a compra e R\$ 1,56 para a venda, pouco abaixo da taxa de R\$ 1,57 dos últimos negócios do dia anterior.

A pressão de venda que manteve o dólar mais baixo do que o esperado foi provocada porque, com juros tão altos, a aposta na moeda americana começou a ficar cara. O custo de captação de dinheiro no mercado interbancário foi a 31,96%, nos últimos negócios de ontem do mercado de reservas bancárias, ao passo que os dólares acumulados nas carteiras dos bancos ficam totalmente sem remuneração.

Bancos estão comprados em dólares em até US\$ 2 bi

A posição acumulada nas carteiras dos bancos, ainda assim, continua altíssima. Executivos que operam com câmbio e mercado internacional calculam que haja ainda algo entre US\$ 1,2 bilhão e US\$ 2 bilhões nas mãos dos bancos. A maior parte desse dinheiro está acumulado ainda porque essas instituições acreditam na alta do dólar contra o real, nas próximas semanas. Relatórios de bancos de investimento internacional falam em um dólar acima dos US\$ 1,60 já nas próximas semanas.

Os bancos que se sentem pressionados pelos juros altos e começaram a vender dólares apressadamente encontraram uma dificuldade extra: o mercado está menor do que o normal, com operações de valor muito pequeno e oscilações muito grandes no preço. Isso aumenta o risco de se carregar os dólares na carteira por muito tempo, já que as instituições não conseguem desfazer a aposta com rapidez.

Cotação bate R\$ 1,62 para venda antes do almoço

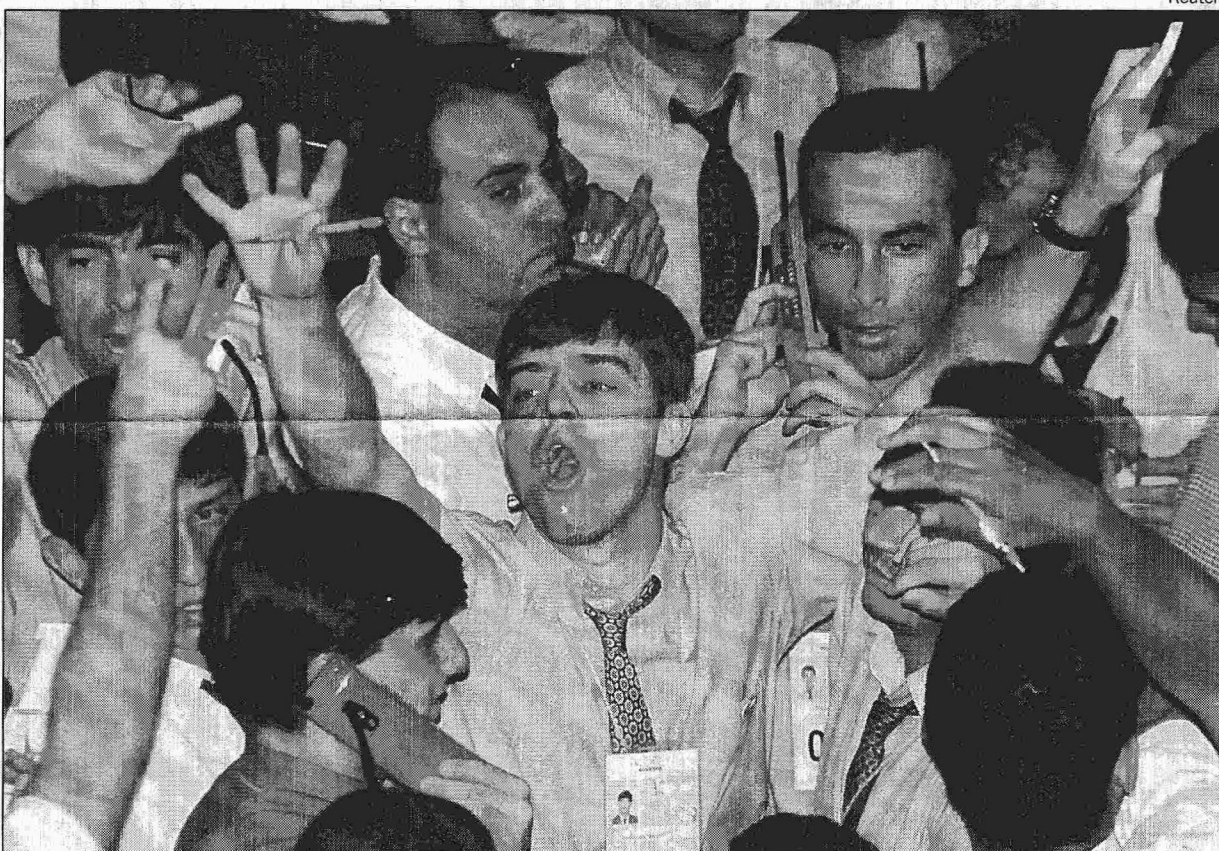
O dólar oscilou tanto ontem que chegou a ter uns poucos negócios a R\$ 1,48, pela manhã, e tocou R\$ 1,62, antes do intervalo para o almoço. Os analistas acabaram ficando sem orientação para a tendência da taxa de câmbio. Os contratos futuros de dólar, que voltaram a ser negociados ontem do segundo vencimento em diante, acabaram acompanhando de perto a taxa à vista.

O contrato que indica a taxa para o fim do mês de fevereiro fechou em R\$ 1,56377, quase igual ao dólar comercial, depois de estar também acima de R\$ 1,60. O contrato de vencimento mais curto, o dólar fevereiro, estava até ontem ainda no limite de alta e só voltará a ter negócios hoje.

O dólar no mercado paralelo voltou a subir ontem no Rio e já



NAS CASAS DE CÂMBIO o dólar foi vendido entre R\$ 1,60 e R\$ 1,65, mas a moeda americana chegou a custar R\$ 1,90 na cotação do turismo do Citibank



OPERADORES NO pregão da Bolsa de São Paulo: dia de oscilações e espera da votação do ajuste fiscal

acumula uma alta de 32% desde que o Governo mexeu na banda cambial, na semana passada. Só ontem, a moeda americana subiu 10% no black passando de R\$ 1,50 (valor de venda na segunda-feira) para R\$ 1,65. Entretanto, foi nas cotações do dólar turismo dos bancos de varejo que os consumidores viram o valor da moeda americana disparar de uma hora para outra. Na agência do Citibank, no Centro do Rio, por exemplo, a taxa para quem queria comprar dólar era de R\$ 1,90 contra os R\$ 1,25 cobrados na semana passada: um aumento de 52%.

Na agência do HSBC Bamerindus, a cotação de venda do dólar

turismo era um pouco mais baixa, R\$ 1,70, mas ainda 3% mais alta que o maior valor de venda do dólar no paralelo. Segundo alguns analistas do mercado, o valor elevado do dólar turismo representava a falta de interesse dos bancos em negociar a moeda americana ontem.

— É uma forma de punir quem quer comprar dólar agora. O banco não tem interesse em se desfazer da moeda americana, mas não pode fechar as negociações no varejo. Por isso impõe esse preço absurdo para quem faz questão de comprar — disse um operador de câmbio do Citibank. No Bradesco, a taxa para venda

do dólar turismo ficou em R\$ 1,65 e a de compra a R\$ 1,40.

Com a subida do dólar, tanto o mercado paralelo quanto no turismo, os bancos e casas de câmbio não registraram grande movimentação ontem e alguns doleiros chegaram a suspender os negócios no meio da tarde. O spread (diferença entre o valor de compra e venda do dólar) continuou alto ontem e algumas casas de câmbio negociaram com preços de compra a R\$ 1,38 e venda a R\$ 1,60.

— O valor de venda está equilibrado no mercado paralelo, mas o de compra depende da necessidade de captação de cada um —

disse um doleiro.

Nas bolsas, dia foi de expectativa em relação à votação do ajuste fiscal. Aprovada a Contribuição Provisória sobre Movimentações Financeiras (CPMF) em segundo turno já era considerada garantida, mas falta a votação da contribuição dos inativos, que pode acontecer ainda hoje. A Bolsa de Valores de São Paulo conseguiu ontem seu terceiro dia consecutivo de alta, para a surpresa dos próprios analistas de mercado. Apesar das oscilações do câmbio e da alta dos juros, o Ibovespa esteve positivo durante quase todo o dia e fechou com valorização de 3,75%. A Bolsa do Rio também encerrou o pregão com alta de 5,55%.

Incertezas sobre o Brasil afetam bolsas no mundo

Segundo operadores, o fluxo de recursos de estrangeiros continua retornando ao mercado. Por isso, o volume de negócios na Bovespa foi de R\$ 644,5 milhões ontem, contra R\$ 485 milhões na véspera e uma média diária de R\$ 300 milhões nas últimas semanas. Apesar de já ter acumulado alta de 8,78% este ano, a Bovespa ainda não recuperou a desvalorização do real.

Em Nova York, o Índice Dow Jones fechou em alta de 0,2%, impulsionado pela notícia da aquisição do site de busca Excite pelo provedor de acesso à Internet At Home e pela compra da AirTouch pela Vodafone. Os negócios encobriram ontem as desvalorizações dos papéis de bancos com grandes investimentos na América Latina, como o American Express. Os investidores temem que o Brasil possa arrastar a América Latina para a recessão. ■

Jorge William

Reuters